

BECKER, Christian U. *Sustainability Ethics and Sustainability Research*. New York: Springer. 2012. 139 p.

Se, por um lado, o conceito ‘sustentabilidade’ tornou-se um valor para as sociedades contemporâneas, por outro, parece haver pouca clareza sobre quais são os valores ético-políticos implicados no conceito. Esse é um problema que encontramos já na clássica definição de “desenvolvimento sustentável” proposta no *Relatório Nosso Futuro Comum*: “a capacidade de satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem suas próprias necessidades”. Devemos concordar que, a despeito da sua utilidade e relevância para o debate em torno dos limites e do modelo de desenvolvimento, de modo algum essa é uma definição que explicita a dimensão ética da sustentabilidade. Existem diversas questões normativas e valorativas suscitadas que exigem maiores esclarecimentos, por exemplo: quais sistemas, processos ou entidades devem ser sustentados? Por que estes e não outros? O que os torna valorosos? Além disso, reconhecer o seu valor nos incumbe de alguma responsabilidade ou obrigação em relação à sustentação de tais sistemas, processos ou entidades? Se essas obrigações ou deveres existem, como nós podemos justificá-las e em que termos podemos especificá-las? Que evidências podemos apresentar a seu favor?

Tais questionamentos revelam que talvez o maior desafio da sustentabilidade seja indicar a abordagem ética que lhe seja apropriada e que nos ofereça meios para lidar com essas questões. Parece não haver dúvidas que a dimensão ética da sustentabilidade não é algo que se adiciona às considerações sobre sustentabilidade, isto é, algo que lhe é externo, mas, antes, parece ser um elemento inerente, constitutivo, do conceito. O livro *Sustainability ethics and sustainability research*, escrito pelo professor Christian U. Becker da Universidade do Estado da Pensilvânia, é uma inestimável contribuição no esclarecimento de parte dessas questões. São escassos os livros sobre esse tema específico e ainda mais os traduzidos para o português, então, por não contarmos ainda com uma tradução decidimos enfatizar, nessa resenha, uma descrição detalhada do seu conteúdo, mais do que discutir seus aspectos controversos.

Nesse livro, Becker tem por objetivo desenvolver uma ética da sustentabilidade e propor uma abordagem abrangente da pesquisa em sustentabilidade de modo que se possa conectar ética e ciência para a sustentabilidade. O livro tem ao todo quinze capítulos, separados em quatro partes. A primeira parte é dedicada à análise da relação entre ética e sustentabilidade; a segunda se ocupa da análise da relação entre sustentabilidade e o que Becker denomina meta-estruturas; na terceira ele discute a sua proposta para uma ética da sustentabilidade; e, na quarta, são apontadas as características e exigências éticas que devem ser incorporadas na pesquisa em sustentabilidade.

A empreitada de Becker inicia-se, efetivamente, no capítulo 2, no qual Becker explora o significado do conceito de sustentabilidade. Ele sugere que o conceito atual, inspirado na definição formulada no Relatório *Nosso Futuro Comum*, possui por três características distintas que determinam o significado central do conceito, bem como, circunscrevem o leque de questões às quais ele se refere. A *continuidade*, diz Becker, é uma característica do conceito que diz respeito à existência continuada de alguma coisa ao longo do tempo, isto é, é a manutenção ou sustentação continuada de algo em certo estado de conservação. A *orientação* diz respeito ao uso amplo do conceito como uma norma, que nos induz a perguntar, como devemos viver? Como devemos agir? Trata-se de uma orientação das ações humanas em longo prazo. A terceira característica apontada por Becker refere-se à *relação*. Para o autor, essa é uma característica central se buscamos uma melhor compreensão do significado do conceito.

Segundo Becker, a sustentabilidade diz respeito a três relações fundamentais: i) a relação entre os humanos e os seus contemporâneos; ii) a relação entre os humanos que vivem atualmente e as gerações futuras; iii) e a relação entre os humanos e a natureza. As “relações de sustentabilidade” (*the sustainability relations*) são relações que suscitam três questões importantes. A primeira é que elas são compostas de aspectos factuais e normativos: factuais na medida em que descrevem o modo como os indivíduos estão relacionados uns com os outros e com a natureza; e normativos porque, acerca das relações, tais aspectos nos permitem entendê-las, projetá-las e atualizá-las de modos diferentes. Essa normatividade, diz Becker, nos faz questionar sobre como devemos estabelecer essas relações.

A segunda questão suscitada pelas “relações de sustentabilidade” é que estas são relações sempre “mediadas”, isto é, o indivíduo por si não é capaz de decidir sobre estar ou

não dentro delas, porque ele já está localizado nelas. Ele é mediado e instituído por certos mecanismos e meios culturais. Isso implica, por conseguinte, que a compreensão completa das relações de sustentabilidade passa pelo entendimento de como esses meios culturais e mecanismos mediam essas relações.

A terceira questão é que cada relação de sustentabilidade apresenta características diferentes. Por isso, segundo Becker, o grande desafio seria abordá-las de maneira integrada.

Feita a análise e identificação das três características que compõem o núcleo central de um conceito relacional de sustentabilidade, a saber, continuidade, orientação e relação, Becker reformula o conceito nos seguintes termos: a “sustentabilidade é a habilidade em estabelecer a continuidade como um meio para orientar a vida e as relações humanas rumo ao tríplice relacionamento da existência humana: com os contemporâneos, com as futuras gerações e com a natureza” (p.14). A definição do conceito, segundo o autor, oferece o esteio necessário para que se possa identificar e discutir a dimensão ética da sustentabilidade, bem como, para o desenvolvimento de uma teoria ética adequada para a sustentabilidade.

O capítulo 3 é dedicado tanto ao exame da dimensão ética inerente ao conceito de sustentabilidade quanto ao desenvolvimento de uma perspectiva ética relacional. Explicitadas as demandas para a construção de uma perspectiva ética compatível com as características do conceito, Becker busca na abordagem sistêmica um modo de lidar com a dimensão ética da sustentabilidade como um todo; capaz de abordar as três relações de sustentabilidade considerando seus aspectos e potenciais conflitos éticos de um modo integrado. Ele propõe-se, então, a desenvolver essa ética relacional, nomeada por ele de “ética da sustentabilidade”.

Para Becker, o desenvolvimento dessa ética da sustentabilidade deve passar antes por uma análise dos limites e dos potenciais da filosofia moral tradicional e das éticas atuais. O capítulo 4 mostra essa análise e a relevância ética das estruturas e instituições sociais para a sustentabilidade.

Becker inicia sua análise revisitando duas abordagens tradicionais da ética normativa: o utilitarismo e a ética deontológica. Na visão do autor, essas éticas são específicas, pois estão voltadas principalmente para uma das relações de sustentabilidade, a relação entre os homens e seus contemporâneos. Ao lidarem com as outras relações da sustentabilidade, apesar de alguns sucessos, elas enfrentam sérias dificuldades. A abordagem utilitarista, por exemplo, encontra dificuldades ao discutir a relação entre humanos e as futuras gerações; essa

abordagem não consegue responder satisfatoriamente questões referentes às conseqüências futuras. As dificuldades dessa teoria também não são muito diferentes quando se trata da relação seres humanos e natureza. Apesar de algum “sucesso” na sua aplicação, ela tende a reduzir a relação seres humanos e natureza à relação entre o ser humano e alguma outra parte específica (alguns animais) da natureza. No que diz respeito à abordagem deontológica, Becker entende que no caso da relação ética entre os seres humanos e contemporâneos alguns problemas são evitados.

A teoria deontológica, diz ele, coloca no foco a motivação e a justificação das ações, e não as conseqüências das ações; nessa abordagem, a orientação sobre como se deve agir e viver é definida pela razão e não pelas conseqüências. De modo que, “a razão é capaz de determinar as orientações éticas fundamentais, e isso é base para a relação entre todos os seres racionais”. (p.23). Assim, a abordagem deontológica, uma vez aplicada à relação entre os humanos e as gerações futuras, não distingue entre os seres racionais que vivem agora (atualmente) e os seres racionais que vivem no futuro. Na relação seres humanos e natureza as coisas mudam, pois o fato de que as considerações éticas devem ser conduzidas pelo papel da razão prática limita o seu emprego nas orientações morais; a relação seres humanos e natureza passa a ser entendida principalmente como uma relação entre seres racionais. Ocorre que, nesse caso, os seres que não são dotados de razão, que é o caso da maior parte da natureza, são excluídos das considerações éticas.

As dificuldades enfrentadas pelas abordagens utilitarista e deontológica não desaparecem no campo da ética ambiental. Isso porque a ética ambiental é um campo da ética aplicada que abrange uma variedade de abordagens éticas direcionadas para elucidar problemas ambientais e, por isso, enfrenta problemas semelhantes aos das abordagens da ética normativa referidas acima. A variedade de abordagens não é uma vantagem para a ética ambiental. Por mais que se tente lidar de alguma forma com as três relações implicadas na sustentabilidade, nenhuma das abordagens oferecidas por esse ramo da ética parece ser suficiente, no sentido de abarcar as relações e refleti-las ao mesmo tempo e de modo integrado. A razão disso, diz Becker, é que ética ambiental refere-se primordialmente à relação seres humanos e natureza, pois é a ética da relação entre seres humanos e natureza que analisa a questão “qual é o nosso relacionamento com a natureza?”.

A ética das virtudes, a ética do cuidado e a filosofia feminista oferecem, segundo o

autor, contribuições mais significativas para o desenvolvimento da ética da sustentabilidade, pela ênfase que colocam nas relações. A ética das virtudes atribui maior importância às relações éticas; além disso, há uma mudança importante nos elementos de análise, trata-se de uma ética que prioriza: a pessoa, o caráter e a vida. Desse modo, as perguntas “O que é um bom caráter?” e “O que é uma boa vida?” são perguntas que impulsionam essa teoria. A filosofia feminista, por sua vez, se ocupa de relações como a relação entre pai e filho, que nos conduz a uma ética relacional específica, a ética do cuidado. Essa abordagem leva em consideração que a moralidade tem a ver com reconhecer os seres humanos como seres relacionados, dependentes e incorporados em muitas relações, não escolhidas e de poder desigual (p. 27). Becker diz, portanto, que essas abordagens éticas fornecem algumas percepções sobre a relevância ética das relações e como analisá-las.

A ética das virtudes e a filosofia feminista ainda contribuem para o reconhecimento da relevância ética de certas estruturas e instituições sociais. A contribuição dada pela primeira abordagem remonta a Aristóteles, o filósofo grego defende que uma comunidade que possui boa organização, instituições e estruturas sociais boas, oferece um suporte adequado para o desenvolvimento da moralidade individual; contribuindo, conseqüentemente, para a boa relação entre seus membros. Por seu turno, a filosofia feminista contribui ao apontar para o fato de que os aspectos institucionais e estruturais, neste caso, padrões de pensamento e ação, são relevantes eticamente porque influenciam na constituição concreta das relações humanas e sua moralidade.

Ao concluir a primeira parte do livro, no capítulo 5, Becker considera que o desafio da ética da sustentabilidade é, por um lado, relacional e, por outro, estrutural. A ética da sustentabilidade, diz o autor, precisa ser capaz de analisar as três relações de sustentabilidade simultaneamente atentando para as especificidades de cada relação, para os comportamentos, atitudes e moralidade individuais. Mas, tão importante quanto os comportamentos e as atitudes é analisar as estruturas e os mecanismos (tais como, instituições sociais e globais, sistemas, padrões de pensamento e ação) nos quais os indivíduos se localizam e que também governam as relações de sustentabilidade.

Na segunda parte do livro, Becker faz um exame das estruturas globais, tanto estruturas objetivas quanto estruturas abstratas. Becker se pergunta sobre: Quais são estruturas mais relevantes para a sustentabilidade? Quais são suas características? Como elas afetam as

relações de sustentabilidade? Por qual abordagem analisamos essas estruturas e seus impactos? A análise e compreensão das estruturas são importantes, pois elas afetam diretamente as relações de sustentabilidade.

No capítulo 6, Becker salienta que o desafio da sustentabilidade. Além de um desafio ético individual, ele é também uma complexa questão estrutural: é preciso entender qual é a relevância ética das estruturas globais para questões ambientais e da sustentabilidade, bem como, examinar as conexões e distinguir as relações de sustentabilidade e as estruturas. A diferença essencial, propõe Becker, reside no fato de que as relações de sustentabilidade definem fundamentalmente a existência humana, enquanto que as estruturas afetam essas relações. Em geral, os debates nos âmbitos público e político não avançam porque não se tem clara a distinção entre as relações de sustentabilidade e as estruturas que as afetam. Normalmente, as questões ambientais e de sustentabilidade são reduzidas a mecanismos específicos ignorando-se outras estruturas que também são importantes no contexto. O debate no nível acadêmico tem sido mais substancial, diz Becker, contudo algumas abordagens acadêmicas como a ecologia profunda, o ecofeminismo e a ecologia social são ainda deficientes para lidar com a questão estrutural. Segundo o autor, elas utilizam padrões de abordagem muito gerais e abstratos e tendem a reduzir o nível estrutural a uma única estrutura ou mecanismo.

Para se referir ao nível estrutural, Becker insere no capítulo 7 o conceito de meta-estrutura (*meta-structures*). De acordo com o autor, trata-se de certas estruturas evoluídas historicamente que visam capturar todos os aspectos do nível estrutural em uma infraestrutura sistêmica, que articula quatro elementos em sua composição. O primeiro deles são as "suposições básicas", caracterizadas pelas categorias básicas de pensamento e por conceitos básicos, tais como, "natureza" e "ser humano". Essas suposições também representam padrões de pensamento e ação como, por exemplo, padrões de gênero, divisão sujeito e objeto, etc. O segundo elemento são as "avaliações básicas" que consideram valores e normas. A terceira classe de elementos refere-se às "forças motrizes", estas dizem respeito às motivações ou mecanismos dentro da meta-estrutura responsáveis por sua dinâmica. Essas motivações ou mecanismos são incentivos, uma espécie de esforço para ter mais, esforço para ter poder, esforço para ter reconhecimento vindo das avaliações básicas ou de origens emocionais ou irracionais. A quarta classe diz respeito às "institucionalizações"; tal classe

engloba as características de expressão, realização e estabilização. São as organizações e instituições concretas. Desse modo, o relacionamento íntimo entre os quatro elementos das meta-estruturas constituem um conjunto de suposições teóricas, atitudes práticas, instituições e organizações.

No restante da segunda parte do livro, o professor Becker examina as três meta-estruturas consideradas por ele como as mais essenciais para a sustentabilidade, são elas: a ciência, tecnologia e economia. Ao analisá-las, o enfoque maior é dado à ciência, a qual ele diz ter uma grande influencia na sustentabilidade e ser o assunto principal da ética da sustentabilidade. Ocorre que, segundo Becker, a ciência é a abordagem dominante para as questões ambientais da sustentabilidade. Desse modo, a análise e o reconhecimento da ciência como meta-estrutura é a esperança para se projetar e organizar de forma apropriada uma pesquisa em sustentabilidade. Deve-se ter em conta ainda o impacto da rede das meta-estruturas nas relações de sustentabilidade. Trata-se de algo de grande complexidade, o impacto das meta-estruturas nas relações de sustentabilidade não é individual; as meta-estruturas não atingem separadamente essas relações; antes, atingem-nas como uma rede integrada. Isso faz com que o indivíduo dentro dessas relações não consiga identificar quais são todos os mecanismos que o influenciam e com os quais ele se relaciona.

Na terceira parte do livro, Becker faz uma análise da sustentabilidade ética considerando, em especial, a pessoa individual, a sua função dentro das relações de sustentabilidade, bem com, o impacto das meta-estruturas nessas relações. Isso é feito nos capítulos 9 e 10. O primeiro é dedicado ao desenvolvimento de alguns fundamentos da ética da sustentabilidade em relação à pessoa individual e sua moralidade. A proposta é a de que a ética da sustentabilidade ofereça uma compreensão, primeiro, da identidade da pessoa como um ser relacional, interdependente e virtuosa dentro das relações. A junção dessas características resulta na "pessoa sustentável", conceito baseado em um entendimento amplo e integrado do ser humano, como um ser: emocional, racional, criativo e comunicativo. Adverte Becker, é necessário ter em conta que as "relações de sustentabilidade" e a pessoa sustentável estão inter-relacionadas e, por isso, se desenvolvem simultaneamente em um processo dinâmico.

No capítulo 10, o autor trata da dimensão estrutural da ética da sustentabilidade. Nele é feita uma avaliação ética dos projetos existentes de meta-estruturas buscando identificar quais

estruturas sociais são boas e quais não são para a sustentabilidade. Os critérios éticos básicos para essa avaliação são dados pelas considerações sobre a pessoa sustentável e a excelência das relações de sustentabilidade. Pois, diz Becker, uma boa estrutura social será a que for compatível com o desenvolvimento das relações de sustentabilidade e da pessoa sustentável. Nesse ponto, Becker faz uma crítica ética às meta-estruturas existentes. Para ele, as atuais meta-estruturas não são compatíveis com a ética relacional da sustentabilidade. Ele salienta que, apesar dessa incompatibilidade, não podemos simplesmente abandoná-las e começar tudo do zero. Precisamos, portanto, reconstruí-las tendo em conta as relações de sustentabilidade e o desenvolvimento dos potenciais de cada pessoa dentro dessas relações, como uma pessoa sustentável. Nesse sentido, no final da terceira parte do livro, Becker sugere algumas orientações éticas para a reconstrução dessas meta-estruturas.

Na quarta parte, Becker faz considerações sobre a necessidade de um novo tipo de pesquisa para sustentabilidade. Ele aponta para a necessidade de uma reavaliação da função que a ciência desempenha na resolução e análise de questões sobre sustentabilidade; bem como, a necessidade de uma reorientação e reconstrução de valores e suposições básicas da ciência. Nesses termos, se configuraria uma nova ciência da sustentabilidade, assegurado o reconhecimento de seu significado ético; algo que só é possível se a dimensão ética da sustentabilidade também for reconhecida adequadamente. Nesse sentido, argumenta Becker, o desenvolvimento de um novo tipo de pesquisa para a sustentabilidade deve partir primeiro da dimensão ética da sustentabilidade, da avaliação das conseqüências e de suas características específicas. Nesse processo, a ética “deve ser parte integral da pesquisa em sustentabilidade que permita uma auto-reflexão interna sobre os pressupostos normativos da ciência, assim como o significado da constituição geral e dinâmicas da ciência em relação à sustentabilidade” (p.113). No caso da ciência é preciso que se reflita sobre a sua dupla função: como ferramenta para analisar a sustentabilidade e como uma parte ou aspecto das questões sobre a sustentabilidade. Outro ponto considerado fundamental por Becker é a necessidade de uma integração coerente da ciência com a ética da sustentabilidade, na qual se possa assegurar uma auto-reflexão crítica seja das abordagens científicas e seja das suposições subjacentes, bem como, uma adequada orientação geral da pesquisa em sustentabilidade. Por fim, mais algumas características são consideradas para um novo tipo de pesquisa em sustentabilidade: a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade, as capacidades e a identidade pessoal dos

pesquisadores em sustentabilidade e a função da filosofia dentro desse novo tipo de pesquisa para a sustentabilidade.

Aos olhos deste leitor, o livro de Becker apresenta três problemas que em nada afetam o mérito da análise e o caráter propositivo da obra. O primeiro é que talvez as discussões sobre “ética e sustentabilidade” e “pesquisa e sustentabilidade”, centrais no livro, fossem melhor organizadas e exploradas como projetos distintos, devido à quantidade de informações demandadas por esses dois tópicos. O segundo problema refere-se ao fato de que Becker pouco trata da forma de operacionalização da sua abordagem, nem mesmo aponta as possíveis vantagens de aplicação da sua proposta aos problemas mais urgentes da sustentabilidade, tornando-a, talvez, demasiadamente idealista. O terceiro problema está associado à concepção de pessoa virtuosa, que é parte essencial do conceito de “pessoa sustentável”; Becker pouco discute sobre como seria possível defender o seu conceito de pessoa sustentável das críticas que são feitas à ética das virtudes. Por exemplo: como podemos saber quais virtudes são essenciais para uma pessoa ser virtuosa, se as virtudes diferem de pessoa para pessoa? Aristóteles diria que certas virtudes são necessárias para todas as pessoas em todos os tempos, como é o caso da coragem, generosidade, honestidade e lealdade. No entanto, isso apenas nos conduz a outro problema: o de ter que explicar por que essas características e não outras são virtudes.¹ Apesar disso, o livro contribui de forma significativa para a pesquisa em sustentabilidade, não apenas por oferecer uma análise da dimensão ética da sustentabilidade, mas, principalmente, por oferecer uma visão sistemática integrada do problema e por abordar algumas das questões centrais do debate atual sobre sustentabilidade; permitindo, desse modo, abordar o tema sem o risco do retorno ao reducionismo de se tratar a sustentabilidade como um aspecto menor de problemas meramente econômicos ou ecológicos.

Marcos Antonio de Souza Lopes
(UFSJ – São João del-Rei – MG – Brasil)
m.antoniopet@gmail.com

Rogério Antonio Picoli
(UFSJ – São João del-Rei – MG – Brasil)
rogerpicoli@ufsj.edu.br

¹ Ver RACHELS, James. *Elementos de filosofia moral*. Lisboa: Gradiva, 2004. 316 p.

Data do registro: 31 de agosto de 2015.
Data do aceite: 18 de novembro de 2015.